

# BRAZILIAN GUITAR MAGAZINE

A Revista do Violão Brasileiro

Luthier convidado - Felipe Santos - Artigo - Crônica de Natal

Partitura - Mio Babbino Caro

# Felipe Santos



## Como você se interessou pela arte de construir violões?

Eu já trabalhava com instrumentos elétricos desde 91, em ajustes e pequenos reparos, mas não mexia com a parte da madeira. Quando comecei a estudar violão, meu professor Carlos Cardoso apontou a necessidade de um bom instrumento. Eu já sabia que era importante ter um bom violão mas não tinha muita orientação e o único luthier que havia conhecido era o falecido "Seu" Mario, de Piedade (bairro da zona norte do Rio), que já estava bem idoso e fazia instrumentos mais voltados ao violonistas populares.

O Carlos me apresentou ao Hugo Martinez e acabei encomendando um violão, que tenho até hoje. Em pouco tempo acabei aluno de um projeto de escola que havia. Em um ano a escola era só ele e eu e depois de 2 anos comecei a construir sozinho e frequentar a casa dele mais informalmente. Isso foi entre 96 e 98. O Martinez e sua esposa Luiza são duas pessoas raras e muito especiais para mim.

## Qual a sua visão sobre o mercado de violões de autor no Brasil?

Está em franco desenvolvimento, apesar do impacto recente da operação da Polícia Federal que na minha opinião foi uma atitude exagerada, e vai deixar sequelas na disponibilidade de materiais, mesmo os potencialmente legais, já que a burocracia exigida é inexecutável para pequenas quantidades (que é o volume com que 95% dos luthier trabalham). Espero sinceramente que a médio prazo se solucione isso, pois ainda há muito jacarandá residual cortado antes da proibição de 92, e é um desperdício deixá-lo apodrecer ou virar piso e móveis (aplicações onde é mais facilmente substituível).

Sempre gosto de chamar atenção para a alta demanda de instrumentos mais baratos, entre R\$1500 e R\$3000, que é um incentivo a quem está começando. Falo a todos os iniciantes: se fizer direito, vai vender com certeza! Na faixa de preço mais alta, entre R\$4000 e R\$10.000 aí a coisa complica um pouco e entram em cena diversos fatores que têm muito pouco a ver com a qualidade do instrumento... Ainda assim, um bom trabalho costuma ser reconhecido o suficiente para o camarada se manter produtivo.

## Na sua opinião, quais são os grandes construtores dos dias de hoje? O que lhe chama a atenção no trabalho deles?

As referências vivas que admiro são Fischer e Rodriguez, que, a grosso modo, correspondem ao Abreu e Martinez, respectivamente, na luteria nacional. O Fischer numa concepção mais "anglo saxã" e tampo de pinho, e o Rodriguez mais espanhol, e tampo de cedro.

Romanillos também é um excelente luthier e se propõe a construir violões de pinho na tradição espanhola com uma pitada da anglo saxã.

Há muitos grandes construtores, cada qual com sua contribuição importante, como Daniel Friederich, Robert Ruck, Thomas Humphrey, Gernot Wagner, Greg Smallman, etc. Esse pessoal já está estabelecido com seus projetos e enriquecem as possibilidades de construção para agradar aos violonistas em suas necessidades e isso é importante.

## Em suas participações em comunidades virtuais, você demonstra muita abertura e conhecimento em relação às escolas moderna e tradicional de luteria. Tem alguma preferência em especial ou trabalha ao gosto do cliente?

Quando eu estava na ativa construía de forma tradicional espanhola. Nesses últimos anos que estou fazendo só reparos e reformas, aproveito para fazer o dever de casa em relação aos aspectos que quero aprimorar. Assim como em relação à técnica de violão em si, esses fóruns, artigos, livros, audições e pesquisa empírica têm me apresentado diversas possibilidades que tento aproveitar, e estou usando os conhecimentos em que sinto alguma segurança num novo projeto que reflita minha concepção atual, o qual vou retomar em janeiro num primeiro protótipo..

Com relação aos projetos modernos já disponíveis, eu reconheço a necessidade de prudência. Há aspectos que são polêmicos, como a boca extra lateral, do Ruck, e que precisam ser bem pensados. Outros, como a escala elevada, especialmente se for mais branda que o projeto original do Humphrey, já estão bem estabelecidos e têm ampla aceitação, sendo poucos os que rejeitariam um instrumento pela simples presença desse elemento.

Eu pretendo ter mais flexibilidade nessa segunda fase, e poder atender aos clientes na medida em que os pedidos não sejam absurdos ou contrariem demais minha concepção.



## Para onde as novas tendências de construção apontam?

Para um instrumento com som forte e claro, e tocabilidade excepcional.

Um ponto que é importante esclarecer é que as inovações mais conhecidas já têm algumas décadas e há uma geração de luthiers posterior, que reconhece os problemas e tenta consiliar as críticas a esses projetos. Como exemplo óbvio há o Jim Redgate fazendo um violão baseado em Smallman mas com tampo menos fino para um som mais tradicional e os diversos construtores que fazem uma escala ligeiramente elevada, mais próxima de um instrumento tradicional que de um Humphrey Millenium.

## Dentre as madeiras para tampo, você tem alguma preferência?

Não. Gosto mais de pinho para umas coisas e cedro canadense para outras. Acho que Albéniz, por exemplo, no pinho ou fica anêmico ou fica estridente, falta aquele "punch" do cedro. Já para Sor o cedro faz a música soar mais pobre, supondo o mesmo (bom) violonista, claro...

## Você é o representante exclusivo do Jorg Graf no Brasil, um dos mais conceituados artesãos de tarraxas do mundo. Por que a escolha pelo Graf e porque você optou por tarraxas artesanais, que são o topo de linha? Não existe uma linha intermediária entre a Schaller (padrão no Brasil) e a Graf, cujos custos talvez fossem mais atraentes para o mercado brasileiro, que é muito sensível a preços?

Essa coisa meio que caiu no meu colo. Há tempos eu estou insatisfeito com as Schaller, e estava "recadastrando fornecedores" para fazer uma tabela de materiais e custos e decidir o que usar daqui em diante. Dos que fabricam tarrachas handmade, o Graf foi um dos que ofereceu melhor desconto para luthiers e depois de ficar me consultando sobre o Brasil e perceber que eu estava bem informado, ofereceu essa parceria. Meu interesse principal é divulgar a cultura de tarrachas de qualidade e estou tendo um sucesso muito maior do que eu planejei.

Concordo que a princípio são caras proporcionalmente aos violões brasileiros (o mesmo acontece com estojos de alto nível), mas se contextualizarmos o produto, percebemos que estão com preço justo, ainda mais com os impostos altos. O Graf tem sido camarada e dado os melhores descontos de todos os representantes para que o preço fique aceitável.

Com relação às opções intermediárias, como Sloane e Gotoh "premium" (série 510), já há algumas pessoas trazendo-as e haverá cada vez mais. Eu e alguns amigos estamos estudando uma importação em atacado para oferecê-las também. Há uma carência enorme desse material e quem experimenta não aceita mais tarrachas ordinárias.

## Você acredita no potencial de madeiras e materiais alternativos?

Sim, só acho que devemos ter calma quanto a propor uma substituição das madeiras tradicionais. Há uma tendência de que o mero fato de funcionar razoavelmente em alguns protótipos gere uma euforia muito grande e nos induza à subestimar os pontos fracos.

Outro problema conexo é o "abandono" do jacarandá-da-baía depois da operação da Polícia Federal, que foi muito traumática para vários luthiers importantes que são referência. Se essa inércia prevalecer, chegará em breve um momento em que o mundo inteiro usará jacarandá brasileiro, menos o Brasil, o que é uma possibilidade absurda, mas infelizmente real.

## O Jacarandá-da-baía tenderá a desaparecer por completo daqui a alguns anos? Você teria alguma sugestão de modelo para exploração sustentável de espécies ameaçadas como o Jacarandá-da-baía?

Não acho que vá desaparecer tão cedo, mas, conforme falei na pergunta anterior, estou preocupado com o rumo das coisas no Brasil em relação a esse assunto...

Não me sinto qualificado para falar sobre desenvolvimento sustentável do jacarandá, mas sei que há algumas pessoas competentes para isso com projetos nessa área. O problema é que não há regulamentação para essa atividade no caso do jacarandá, logo qualquer corte é ilegal, ainda que feito dentro das normas que regulam o uso de outras madeiras protegidas.

## Como estão os nossos construtores em relação aos estrangeiros?

Não tenho vasta experiência com os medalhões, só vi alguns e não são recentes. O que posso dizer é que a média dos estrangeiros "famosos" que vi é superior à média dos nacionais, mas posso estar tendo uma impressão errada já que os estrangeiros que vemos por aqui são caros e selecionados (com exceção talvez da maioria dos Ramirez), e toquei em poucos modelos recentes dos melhores nacionais.



### **Que recado você daria para alguém querendo iniciar na luteria?**

Pesquise, experimente e converse muito, para não perder tempo reinventando a roda nem cometer erros antigos ou crônicos de uma escola só.

O momento é bom. Só no fórum de violão erudito ([www.violao.org](http://www.violao.org)) surgiram alguns luthiers sem experiência prévia, e outros que se aperfeiçoaram e solidificaram a carreira. Apesar da abundância de informações e do auxílio dos luthiers do fórum, essa movimentação não seria tão intensa se o momento não fosse favorável e, conforme falei, não houvesse uma carência de instrumentos acessíveis.

### **Qual a melhor parte de ser luthier? E qual é a pior?**

A melhor é exercer uma das raras atividades em que se lida com algo em vários planos: conceitual, estético, técnico, ferramental, etc. Daí o atelier de um luthier ter aquele clima algo mágico. Isso gera uma alquimia interior muito benéfica, pois ajuda a controlar ansiedade e desenvolver paciência e concentração.

A pior é ter que lidar com os dogmas da maioria dos violonistas, ainda por cima numa posição desfavorável, de quem está sendo cobrado...

### **Que recado você gostaria de deixar para os leitores da Brazilian Guitar Magazine?**

Estou muito feliz de inaugurar esse espaço, e torço para que seja um sucesso.

Devo lembrar que em poucos anos o contexto violonístico tem crescido muito, inclusive fora do ambiente acadêmico, e que isso somado à abundância de informação não nos deixa mais inventar desculpas para tocar mal ou estudar e trabalhar os assuntos que consideramos importantes!

Abração a todos

*Agradecemos ao Felipe Santos por nos ceder esta entrevista.*

*Editores BGM*



# Crônica de Natal

por Eugenio Reis

Acordar cedo, tomar café e pegar o ônibus para ir ao trabalho. Esta é a rotina do nosso jovem e talentoso músico, que ainda não exerce a profissão sonhada. Por enquanto, é estagiário de um grande banco. Ainda é início de dezembro e ele chega no trabalho, dia de segunda-feira, e nota que durante o fim-de-semana foram colocadas as luzes de Natal e as árvores enfeitadas. E pensa consigo mesmo:

*"Será que as pessoas se sentem melhor no Natal por causa das luzes? Já li em algum lugar que luz é algo que coloca as pessoas pra cima, que melhora o humor".*

E continua seguindo seu raciocínio.

*"Mas música também consegue isso, e os instrumentos não geram luz. Na verdade, muita gente gosta até de ouvir música no escuro. Hmmm, acho que eu entendo... As pessoas criam imagens luminosas na mente enquanto ouvem música. Quer dizer, não necessariamente criam imagens, mas elas podem ter uma sensação bem parecida com a de estar num ambiente bem iluminado."*

É um raciocínio que ele sente uma certa dificuldade de elaborar, ainda mais considerando sua pouca idade e uma certa ingenuidade inevitável nessa fase.

*"Deve ser que nem no filme Matrix, o cérebro processa sinais elétricos e pode ser enganado com uma certa facilidade, igual ao pessoal que vivia como vegetal mas achava que vivia uma outra realidade. No filme tem uma cena em que a heroína aprende a pilotar um helicóptero com um download direto pra cabeça dela. E se fosse possível aprender a tocar violão desse jeito?"*

Era dentro desse clima de atividade mental que ele executava as tarefas entediadas do dia-a-dia de uma instituição financeira.

*"Não daria certo, porque música não é uma tarefa puramente técnica. Não adiante injetar o conhecimento, no caso da música é um processo de descoberta, a musicalidade se desenvolve junto com a técnica, o aprendizado de um acorde pode levar a uma nova idéia musical, a uma composição, sei lá, qualquer coisa assim. Eu posso olhar pra essas árvores de Natal e me inspirar a compor uma música, posso sem querer fazer um acorde e achar que é música de Natal. Pensando bem, vou tentar isso quando chegar em casa!"*

Final de expediente. Ônibus lotado e trânsito complicado de cidade grande até chegar em casa. Come a janta preparada pela mãe, assiste um pouco de TV, conversa sobre o cotidiano e em seguida vai para o seu quarto. Lá ele pega o violão e começa a fazer alguns acordes, meio aleatoriamente, tentando encontrar uma ordem para coisas que estavam aparentemente desconectadas. No meio daquilo tudo surge um fragmento de melodia, para a qual ele consegue elaborar uma estrofe:

Natal com uma taça de vinho tinto  
Boa música no meu violão requinto  
Em quatro versos falo do que sinto  
Em seis cordas jamais me desminto

Ele se dá por satisfeito depois de ter escrito apenas 4 linhas. E pensa consigo mesmo:

*"Não me custa nem um centavo escrever um poeminha, mesmo que seja fraco e de pé quebrado que nem esse que eu fiz. Mas sabe de uma coisa? Eu sei que Papai Noel não existe e se existisse talvez estivesse mais pra versão dos Garotos Podres, mas o que vale é a inspiração. Se ela vem de impulsos elétricos falsificados, não importa, o que interessa é que boa arte pode ser feita a partir dali. Ah, lembrei, o Chico Buarque vem me socorrer aqui, aquele cara sabe como dizer as coisas! E ainda por cima chamou a música de Choro Bandido"*

Mesmo sendo errados os amantes  
Seus amores serão bons

# O Mio Babbino Caro

Arranged by John Rethorst

Puccini

*Andantino ingenuo*

$\text{♩} = 120$

5

10

15

19

*pp*

*p*

23

*(piangendo)*

Copyright 1998 by John Rethorst. International copyright secured.  
All Rights Reserved